

Ideias&

EDITORIAL

A SAÚDE NÃO É O FOCO

Mesmo durante uma pandemia, governo Bolsonaro perde 2 ministros da Saúde e mostra que setor não é prioridade

O diagnóstico é fácil. No governo Jair Bolsonaro, mesmo em meio à maior crise sanitária mundial dos últimos 100 anos, a saúde não tem vez.

É um sintoma claro. Em menos de um mês, durante uma pandemia, dois ministros da Saúde deixaram o (des) governo: Luiz Henrique Mandetta foi demitido no dia 16 de abril. Nelson Teich pediu demissão dia 15 de maio. Nos dois casos, o quadro se agravou da mesma forma: os então ministros, ambos médicos, se recusaram a adotar as medidas que o presidente insistia em fazê-los engolir. Bolsonaro tentou fazer que tanto Mandetta quanto Teich endossassem uma absurda política de retomada imediata das atividades econômicas, ignorando a recomendação das principais autoridades de saúde do planeta.

Também tentou que os então ministros recomendassem o uso da cloroquina no tratamento da Covid-19, desprezando o fato de que os principais

estudos feitos por diversos países ainda não conseguiram encontrar resultados conclusivos sobre a eficácia do medicamento contra o vírus.

Por que Bolsonaro se comporta dessa maneira, ignorando que o coronavírus já havia matado 14.817 brasileiros até a última sexta-feira? Simples: porque ele não se importa com esses números. Para o presidente, aliás, são baixos e não justificam o isolamento social. 'E daí?', diz o capitão.

Ao completar 500 dias no cargo, Bolsonaro tem apenas duas preocupações em mente. A primeira é sobreviver às ameaças de impeachment e completar o mandato. A segunda é se reeleger em 2022.

Sim, em plena pandemia, o cálculo do presidente é apenas político. Bolsonaro ouviu de sua equipe econômica que, caso o isolamento social continue em junho, o impacto no setor será ainda maior, com reflexos até o fim do mandato. Por isso passou a fritar Teich, como ficou claro no dia 11, quando o então ministro soube pela imprensa que academias e salões de beleza haviam sido incluídos na lista de atividades essenciais.

Na eleição, para tentar esconder seu despreparo, Bolsonaro dizia que questões econômicas seriam respondidas por Paulo Guedes, seu 'Posto Ipiranga'. Seria muito bom para o país se o presidente, que não é médico, deixasse alguém da área comandar o enfrentamento ao vírus. Pare de brincar com nossas vidas, capitão. ■



ARTIGO

A FOME AMEAÇA AS NOSSAS CIDADES

Luiz Paulo Costa

Jornalista e escritor

Como uma das consequências nefastas da pandemia do novo coronavírus, o Brasil está voltando ao Mapa da Fome, alertou o economista Daniel Balaban, do Programa Mundial de Alimentos, maior agência humanitária da ONU (Organização das Nações Unidas). A fome não é boa conselheira e ocorre nas cidades.

Na década perdida de 1980, São José dos Campos e região sofreram com o desemprego de milhares de trabalhadores também com a crise da indústria bélica.

Os desempregados que viviam da casa para a fábrica e vice-versa, perambulavam pelas cidades.

Em outras partes do País chegavam a saquear os super-

mercados para levar algum alimento a suas famílias.

Aqui em São José isto não aconteceu principalmente pela união de todos, autoridades e lideranças comunitárias, na constituição da fundação "Fundo de Apoio aos Desempregados".

O FADE, como era chamado, conseguiu distribuir cestas básicas às famílias vulneráveis através dos Vicentinos que promovem esta ação social, incentivou frentes de trabalho e apoiou a criação das chamadas atividades de fundo de quintal.

Hoje a pandemia do Covid-19 exige união nacional, o que está difícil de ocorrer.

Portanto, nossas cidades precisam buscar a união possível dentro do seu território para enfrentar o novo coronavírus e suas consequências como a ameaça da fome.

Mas como o progresso tem sido inexorável, hoje nossas cidades estão mais preparadas para que isto ocorra. ■

IMAGEM DA SEMANA



Pandemia de coronavírus. Sepultamentos de pessoas de baixa renda, no cemitério Nossa Senhora Aparecida em Manaus

Fernando Crispim/Amazônia Real

CARTAS

Redação

redação@ovale.com.br

COLAPSO ECONÔMICO

Obviamente não é o Covid-19 o único responsável desse colapso. Enfrentamos uma crise atrás da outra e infelizmente já nos acostumamos. Nos adaptar é o que aprendemos no nosso país para sobreviver, pois ainda vivemos uma grande desigualdade social, alimentada pela enorme onda de corrupção e pela ineficiência. Como então sobreviver a tudo isso? É nesse momento que iniciativas de diversos setores da sociedade impulsionam nosso país, que vive mergulhado na esperança,

aguardando um salvador da pátria. Não existe o salvador, esse somos nós, somos a força que move a engrenagem. Ainda há muito o que aprender e talvez um dia tenhamos mais equidade, pois é muito fácil falar da fome, sem ter passado por ela. Dizer eu imagino sem ter vivido, é distante. Afinal, então por que estamos assim? Porque chegamos aqui sem o olhar do amanhã, vivendo uma corrida de 100 metros, sem perceber que se trata de uma maratona e que essa pede regularidade e equilíbrio. Vamos superar

esse momento, sem dúvida, mas ainda teremos ventos fortes pela frente!

Carlos Eduardo Arcanjo
São José dos Campos

É CASO DE POLÍCIA

A nossa sociedade merece uma resposta do Planalto, do por que, 73,2 mil militares das Forças Armadas, receberam o auxílio emergencial de R\$ 600, que serão pagos em quatro parcelas destinado exclusivamente a trabalhadores informais e desempregados? Que já nesta primeira e indevida parcela que milhares de

militares receberam geraram um rombo de mais de R\$ 42 milhões aos cofres públicos. É caso de polícia! E o TCU (Tribunal de Contas da União) em boa hora vai pedir auditoria! Porém, como o presidente morre de amores pelos militares, terá o dedo de Jair Bolsonaro, ou do ministro da Cidadania Onyx Lorenzoni, nesta descoberta desabonadora de autorização deste pagamento à parte da corporação? Já que a percepção entre os técnicos do governo, é que houve afrouxamento de controles para que fosse materializado

esse benefício aos militares. E, se considerarmos que as Forças Armadas, na ativa contam com quase 330 mil membros, esses 73,2 mil militares que receberam os R\$ 600, significam 22% de toda corporação. Ou seja, não foi um erro insignificante. O fato é grave!

Paulo Panossian
São Carlos-SP

VOTO ÚNICO

Essa coisa de se fazer uma eleição a cada dois anos é extremamente prejudicial para o Brasil do ponto de vista econômico. Você já se perguntou